

GEOGRAFIA E REPRESENTAÇÕES :
ENSAIO DE UMA METODOLOGIA DE PESQUISA¹
GÉOGRAPHIE ET REPRÉSENTATIONS: ESQUISSE D'UNE
MÉTHODOLOGIE DE RECHERCHE

Vera Lucia Nehls Dias²

RESUMO: A metodologia de pesquisa nas ciências sociais está intimamente ligada ao tipo de pergunta que fazemos em relação aos fenômenos estudados e as referências que tomamos para perguntar algo. Do deslocamento dos lugares de observação acreditamos poder sempre ver coisas novas. Este é o exercício deste ensaio que procura uma metodologia adequada para uma pesquisa geográfica que compara representações do espaço da habitação.

PALAVRAS-CHAVE : Metodologia de Pesquisa. Representação. Geografia. Comparação. Espaço. Habitação.

RESUME: La méthodologie de recherche dans les sciences sociales est toujours associé au type de questions que nous faisons par rapport à réalité social et sur les références théoriques que nous prenons pour élaborer ces questions. Cet essai prétend discuter des chemins méthodologiques d'une recherche en géographie qui veut comparer les représentations sur l'habitation des couches défavorisées de deux sociétés distinctes : l'une insérée dans l'univers sous-développé du capitalisme périphérique : Florianópolis (Brésil) ; et l'autre insérée dans le monde développé du capitalisme central : Le Mans (France).

DES MOTS CLES: Méthodologie de Recherche. Représentation. Géographie. Comparaison. Espace. Habitation.

Este ensaio pretende discutir os caminhos metodológicos de uma pesquisa em geografia que tem por objetivo comparar as representações sobre habitação de pessoas de camadas populares de duas sociedades distintas : uma inserida no universo subdesenvolvido do capitalismo periférico : Florianópolis (Brasil) ; e outra inserida no mundo desenvolvido do capitalismo central : Le Mans (França).

Empreitada apaixonante, a idéia deste estudo foi se construindo aos poucos a partir de dois tipos de experiências : uma de pesquisa, realizando trabalhos sobre o

¹ Este ensaio faz parte dos trabalhos de uma pesquisa provisoriamente intitulada : O Sonho da Casa Própria e as Políticas Urbanas no Final do Século : estudo comparativo Brasil e França. Curso de Doutorado em Geografia Social na Universidade do Maine – Le Mans – França, sob a direção de J.R. BERTRAND e financiada pela CAPES.

² E-mail: Diasmedeiros@aol.com

campo das representações do espaço e a construção de identidades³ e outra enquanto docente da UDESC quando da preparação de cursos e seminários, discutindo sobre a importância e o papel destas representações nas diversas formas de ver e agir no mundo que acabam por caracterizar determinadas sociedades. Destas experiências, surgiram questões que buscam compreender o contexto no qual se forjaram os discursos que embasam as práticas e as políticas públicas dos países de primeiro e de terceiro mundo e do « hábito » desses últimos copiarem as iniciativas dos primeiros.

Nossa hipótese principal é de que a importação de modelos fechados e acabados é ineficaz e inviável, seja no plano das políticas públicas, seja na elaboração das leis, no gerenciamento e planejamento urbano. Nosso objetivo geral é compreender as particularidades destes dois contextos espaço-temporais onde um é desqualificado em detrimento do outro. Para isso, escolhemos buscar, através das representações imaginárias dos moradores, reconhecer os discursos e as práticas discursivas da moradia que amparam as estratégias da prática – das lutas concretas no interior deste campo social.

Mas o que são representações imaginárias da sociedade? Como podemos conhecê-las? Podem estas representações nos informar sobre as diferentes relações dos homens com seu espaço habitacional? É o espaço uma categoria de análise destas representações? Qual a importância de um estudo que compara estas representações sobre o espaço? Que contribuição um estudo desta natureza pode dar à geografia? Discutir estas questões é objeto deste ensaio. Vamos por partes.

Começemos por esclarecer o termo representação, tomando como significado o sentido dado por Laplantine para quem as representações são :

« o encontro de uma experiência individual e de modelos sociais num modo de apreensão particular do real : aquele de uma imagem-crença. (...) esta imagem-crença tem sempre uma tonalidade afetiva e uma carga irracional. É um saber que os indivíduos de uma sociedade ou de um grupo social elaboram em relação a um segmento de sua existência ou de toda sua existência. É uma interpretação que se organiza em relação estreita ao social e que se torna, para aqueles que a aderem, uma realidade ela mesma. Assim, é próprio de uma representação nunca se colocar como tal e de ocultar suas distorções e as deformações que ela veicula inelutavelmente.»⁴

³ DIAS, V.L.N. **Tantos Campeches Quantas Imaginações : um estudo sobre o espaço do Campeche.** Dissertação de Mestrado. e DIAS, V.L.N. e FARIAS, Joice. **Urbanização do Campeche : identidade étnica e experiência dos « nativos ».** PerCursos : Revista do Núcleo de Estudos em Políticas Públicas.

⁴ LAPLANTINE, F. IN : BRANCHET, Alain e GOTMAN, Anne. **L'Enquête et ses Méthodes : l'entretien.** p. 26

As representações imaginárias da sociedade como diz Baczko⁵, são tão fortes para a legitimação de um poder que, às vezes, pesam mais que as circunstâncias e os acontecimentos que estão na sua origem.⁶ Dito de outra forma, o peso ou a força das representações pode ser mais real que a própria realidade e, por isso não podemos considerá-las apenas como um reflexo da realidade, mas sua parte integrante. As representações são construções humanas e, enquanto tal, encontram-se dentro das cabeças dos indivíduos e não pairando acima delas. É na prática cotidiana, no jogo animado da vida que estas representações constroem significados, inclusive aquele que chamamos de realidade.

Avançando mais lentamente na construção de um significado para o termo representação, vamos abusar um pouquinho da retórica e apresentar um texto de Nietzsche que esclareceu e solidificou nosso alicerce argumentativo sobre a força das representações. Nele, o autor nos lembra através de metáforas, que a diferença entre os homens e os animais (os ditos irracionais) é o intelecto e que este nos foi concedido para que pudesse auxiliar na falta de outros atributos na concorrência pela vida (como o faro, o tato, garras, chifres, agilidade) ; um atributo concedido aos seres mais fracos. Através dele, os animais menos robustos como nós, se conservam e podem travar a luta pela existência com « chifres ». « *O intelecto, como meio para conservação do indivíduo, desdobra suas forças mestras no disfarce ; pois este é o meio pelo qual os indivíduos mais fracos se conservam* ». Criando este disfarce – que nos torna mais fortes – acreditamos conhecer através da palavra a verdade. Vejamos como isso se desdobra :

« Enquanto o indivíduo em contraposição a outros indivíduos, quer conservar-se, ele usa o intelecto, em um estado natural das coisas, no mais das vezes como representação : mas, porque o homem, ao mesmo tempo por necessidade e tédio, quer existir socialmente e em rebanho, ele precisa de um acordo de paz e se esforça para que pelo menos a máxima « guerra de todos contra todos » desapareça de seu mundo. Esse tratado de paz traz consigo algo que parece ser o primeiro passo para alcançar aquele enigmático impulso à verdade. Agora, com efeito, é fixado aquilo que doravante dever ser « verdade », isto é, é

⁵ BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. **Enciclopédia Einaudi**.

⁶ Um exemplo clássico do peso das representações imaginárias pode ser encontrado nas inversões ocorridas nas eleições municipais para prefeito em 1996 em Florianópolis quando a candidata Angela Amin – natural de Indaial, SC – foi considerada mais representante dos interesses « ilhéus » que o candidato Afrânio Boppré – natural da Ilha de Santa Catarina onde Florianópolis repousa. Ver especialmente capítulo 5 de FANTIN, Marcia. **Cidade Dividida : dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis**.

descoberta uma designação uniformemente válida e obrigatória das coisas, e a legislação da linguagem dá também as primeiras leis da verdade : pois surge aqui pela primeira vez o contraste entre verdade e mentira. »⁷ (grifos nossos)

A palavra passa, então, a designar as coisas no mundo.

« O que é uma palavra ? A figuração de um estímulo nervoso em sons. Mas concluir do estímulo nervoso uma causa fora de nós já é um resultado de uma aplicação falsa e ilegítima do princípio da razão. Como poderíamos nós, se somente a verdade fosse decisiva na gênese da linguagem, se somente o ponto de vista da certeza fosse decisivo nas designações, como poderíamos no entanto dizer : a pedra é dura : como se para nós «dura» fosse conhecido ainda de outro modo, e não somente como uma estimulação inteiramente subjetiva ? Dividimos as coisas por gêneros, designamos a árvore como feminina, o vegetal como masculino : que transposições arbitrárias. (...) que preferências unilaterais, ora por esta, ora por aquela propriedade de uma coisa ! As diferentes línguas, colocadas lado a lado, mostram que nas palavras nunca importa a verdade, nunca uma expressão adequada : pois senão não haveria tantas línguas. »⁸

Segundo o autor, a linguagem não informa nada a respeito das coisas mesmas. Quando falamos em árvores ou sapatos, são de metáforas destas coisas que nos servimos, de nenhum modo correspondendo às entidades de origem.

Todo conceito nasce por igualação do não-igual », e é assim que o conceito de folha, por exemplo é « formado por arbitrário abandono das diferenças individuais de todas as folhas que podemos encontrar, por um esquecer-se do que é distintivo, e desperta a representação, como se na natureza além das folhas houvesse algo, que fosse « folha », eventualmente uma folha primordial, segundo a qual todas as folhas fossem tecidas, desenhadas, recortadas, coloridas, frisadas, pintadas, mas por mãos inábeis e de uma forma tal que nenhum exemplar tivesse saído correto e fidedigno como cópia fiel da forma primordial. »⁹

Acompanhando este raciocínio, podemos dizer que a linguagem é, em si, uma representação que está na origem de todos os conceitos ou, dito de outra forma, é metáfora construída sobre as coisas, nunca elas mesmas. Neste momento, a resposta negativa para a pergunta que indaga sobre a possibilidade de conhecer a realidade das coisas e dos fenômenos, nos parece a mais apropriada. A verdade nos é sempre interdita tal qual ela é, pois concordamos com Nietzsche que a linguagem limita desde sempre

⁷ NIETZSCHE, F. *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral* (1873), p.54.

⁸ idem. p.55

⁹ idem. p. 56

nossa possibilidade de encontro com ela. Enquanto representação, a linguagem é sempre permeada de possibilidades, nunca de certezas.

Como podemos, então, conhecer as possibilidades das coisas, dos fenômenos? Neste momento da pesquisa acreditamos que as representações imaginárias da sociedade podem nos informar algo de bastante « esclarecedor » sobre estas possibilidades, nunca sobre elas mesmas.

A escolha de uma metodologia para conhecer as representações imaginárias que revestem de significados os discursos e as práticas da habitação, esbarrou diversas vezes na dúvida quanto ao « melhor método » de investigação. A curiosidade pelo fazer dos antropólogos, dos historiadores e dos sociólogos - experimentada em leituras sobre o urbano - atuou como chamariz sedutor cuja imagem se revela quando pensamos em alguém que espia pelo buraco da fechadura, e descobre no terreno do vizinho um jardim encantado e desconhecido de « atitudes » de pesquisa que impelem a pensar. Desta reunião de ingredientes, sustentados pela dúvida e pela curiosidade, que doravante chamaremos de técnicas de pesquisa, e do desafio de transitar entre diferentes domínios das ciências sociais é que buscamos elaborar um caminho metodológico que possa enriquecer o saber geográfico, pautado na complexidade que soma ao invés de excluir.

Escolhendo esta metodologia, não esperamos nos aproximar de uma verdade « mais verdadeira » da problemática. Este não é nosso objetivo, nem nossa ambição. Procuramos simplesmente encontrar um referente complexo, vivo e dinâmico do espaço habitacional em constante mutação de sentidos e significados, que envolvem as leituras e percepções coletivas e individuais do mundo e suas práticas, dado que essas são forjadas a partir desses sentidos e significados, os quais, por sua vez, são construídos nesta prática.

Nossa « originalidade » consiste em : partindo do terreno sólido da geografia¹⁰, experimentar algumas técnicas do fazer de outros campos científicos, cruzando três

¹⁰ Entendemos por « terreno sólido da geografia » aquele que reafirma e busca recuperar o valor da categoria espaço nas reflexões sociais. Discussão especialmente cara para quem, como a autora deste ensaio, trafegou na contramão e no vácuo deste discurso na sociologia e que, por carregar este diploma, acabou por encontrar resistências entre os geógrafos mais tradicionais. Esclareçamos pois alguns *imbrólios* que sustentam nossas convicções. A geografia experimentou mudanças quanto ao seu objeto de estudo ao longa da sua história : ambigüidades a este respeito animaram e animam boa parte dos geógrafos epistemólogos. Mas esta não é uma exclusividade, nem uma particularidade da geografia – ciência que teria problemas em se firmar enquanto tal autonomamente ou de valorizar seu objeto frente aos problemas da sociedade - pois situação análoga pode ser encontrada entre os sociólogos (positivistas, marxistas, estruturalistas e discussões sobre os conceitos do que é fato social, grupo, classe etc e o objeto da sociologia), antropólogos (perspectiva mais evolucionista, folclorista, culturalista, estudo das sociedades ditas exóticas até a antropologia urbana), historiadores (história factual, social, cultural, das mentalidades etc.) e entre os pesquisadores das ciências naturais (ver p. ex. o conceito de paradigma

tipos de técnicas : 1) realização de enquetes (entrevistas) semi-diretivas¹¹ – elaboração de questionário exploratório sobre a questão da moradia e aplicação em duas comunidades selecionadas previamente em Le Mans e em Florianópolis. Este questionário solicita ainda um desenho do bairro habitado e da casa dos sonhos onde pretendemos trabalhar com os mapas mentais que esta população elabora ; 2) para relativizar os dados puramente quantitativos obtidos nessas enquetes de sabor sociológico, serão realizadas entrevistas mais longas com depoimentos de vida (memória oral) acerca da problemática em questão. Estas entrevistas serão registradas em gravador e depois transcritas na íntegra conforme sugerem os historiadores e, ainda tomaremos notas de falas que escaparem ao registro (às vezes, intimidador) ; 3) por último, juntar a essas duas práticas uma observação de cunho etnográfico (aprendida com os antropólogos urbanos), registrando observações, contatos, experiências nos locais frequentados pelos moradores e que implicam uma leitura da cotidianidade. Foram selecionados lugares de frequência dos moradores e lugares públicos que envolvem solicitação de moradias, inclusive alguns comitês de políticos no Brasil. Trata-se de navegarmos no universo semovente e subjetivo da representação e da percepção, construindo uma rede de símbolos e de significantes que nos permitam compreender um pouco mais as diferentes formas dos homens se relacionarem entre si e com as coisas que o rodeiam que podemos observar no campo/ terreno da habitação das camadas populares. Não incluímos aqui o levantamento bibliográfico e análise de outras fontes como arquivos, propagandas, jornais, planos diretores, mapas, legislações, etc. por se tratarem de práticas cotidianas na pesquisa geográfica.

Da geografia aprendemos que o espaço nunca é neutro e dado a priori como pensava Kant¹², mas ao contrário, sempre representação e nesta condição resultado das

elaborado por Thomas Kuhn quando relata a evolução das ciências naturais). Os diferentes objetos de estudo da geografia acompanharam, portanto, como nas demais ciências, o contexto histórico em que foram produzidos dado a complexidade, exigência, alíquota técnico-científica e importância de cada época. Neste sentido, podemos concluir que a geografia não «precisa» de ciências auxiliares para reafirmar sua autonomia enquanto campo privilegiado do conhecimento espacial. Ainda que especializados e, por vezes, separados conhecimentos físicos e humanos sempre foram geográficos ou alguém tem dúvida de que não podemos abrir mão de nenhum dos aspectos desta dicotomia ? Não há porque temer qualquer desqualificação. E é deste terreno sólido, animados pela curiosidade e prazer, que ousamos espiar as técnicas dos nossos vizinhos como dissemos acima ; para experimentarmos outro caminho que reforce nossa convicção maior : nenhuma reflexão social pode ser séria se desconsiderar a categoria espaço ; ainda que só para nós geógrafos ela tenha esse ponto como essencial.

¹¹ Os resultados destas entrevistas serão analisados com apoio dos programa Sphinx Lexica 2000 e ASKIA.

¹² Para Kant «o conhecimento do espaço é uma representação a priori, uma vez que não é possível representar espaço algum, embora se possa pensar que não se encontre objeto algum nele. Ele é, portanto, considerado a condição da possibilidade dos fenômenos e não uma determinação

construções (imaginárias) e práticas sociais históricas que lhe dão vida. Ousando ir além de alguns limites demarcados por alguns geógrafos - que buscam compreender a espacialização da sociedade através da *gênese da formação socio-espacial*, confirmando uma teoria a respeito da *história* e da *origem* das diferenças sociais no capitalismo : encontrada na forma como cada sociedade produz e reproduz os bens necessários à vida « determinando », por assim dizer, ou « limitando » em « última instância », o seu devir - aprendemos que os valores simbólicos, as representações do espaço, tem uma força extraordinária e podem estar na base daqueles considerados econômicos dando-lhes por vezes sustentação e porque não dizer lucro, mas também conferindo legitimidade, autorização e status. Estas duas versões sobre a espacialização social sempre foram tidas como antagônicas e é longa a história de disputas, inclusive semânticas, que animam seus defensores.¹³

No terreno da geografia social, na contra-corrente que critica o fazer dos geógrafos mais tradicionais, concordamos com a aceção que considera o espaço mais do que a dialética entre o social e o espacial (como uma das instâncias através da qual as sociedades funcionam)¹⁴ e mais do que a soma dos espaços objetivos : ele é , ainda, prática, percepção e representação dos homens e dos grupos sociais.¹⁵ Em relação a este aspecto, a noção de campo¹⁶ concebida por Bourdieu nos permitiu refletir sobre o lugar dos conflitos na própria ciência geográfica, mas este é um assunto sobre o qual nos ocuparemos pouco neste ensaio, mas dada sua importância voltaremos a ele em momento oportuno.

Por hora, ousamos defender a idéia de que as interpretações economicistas da sociedade e do espaço são também formas de imaginá-los e que - num dado momento histórico¹⁷ – foram eleitas, ao menos numa parte considerável do mundo acadêmico,

dependente destes ; é uma representação a priori que subjaz necessariamente aos fenômenos externos. » Crítica da Razão Pura. p. 41

¹³ Ver, por exemplo, La Géographie Sociale, Un Espoir Déçu de Anne-Marie FIXOT. IN : **Géographie Sociale : Lire l'Espace, Comprendre les Sociétés.** p. 25-38.

¹⁴ Ver, por ex. CHEVALIER, Jacques. La Géographie Sociale : une géographie dans tout ses échelles ? IN : **Espaces et Sociétés à la Fin du XXe Siècle : quelles géographies sociales ?** « (...) l'espace est introduit comme une des instances (...) à travers lesquelles les sociétés fonctionnent. (...) : la société agit et l'espace constitue la dimension de cette action, sans qu'il soit ni un simple support de l'occupation, de l'organisation et de la production humaine, ni un ensemble de configurations géométriques autonomes articulées entre elles. Elle réintroduit la question des échelles, en soulignant combien cette question est un cadre déterminant des interactions de processus organisant les rapports spatiaux et sociaux. » p.14

¹⁵ FIXOT, Anne-Marie. La Géographie Sociale, Un Espoir Déçu. IN : **Géographie Sociale : Lire l'Espace - Comprendre les Sociétés.** p. 26

¹⁶ BOURDIEU, P. **Choses Dites.**

¹⁷ O momento histórico ao qual nos referimos no texto começa nos anos 1800, mas se acentua particularmente no século passado com a experiência socialista que sacudiu e ameaçou o mundo

como « as mais importantes » ou « essenciais ». Não se trataria pois de « salvar » esta interpretação, mas de reconhecer nela, atrás dela, acima e dentro dela a presença de um certo imaginário que elegera e reduziu « a produção, a atividade humana mediatizada por instrumentos e objetos, o trabalho, às « forças produtivas » ou seja (...) à técnica » como dotados de uma autonomia capaz de se reproduzir sempre e continuamente, enquanto que o « resto das relações sociais e da vida humana » estejam passivos e inertes frente a esta força arbitrária do mundo do trabalho.¹⁸ (grifos nossos)

Na nossa opinião, essa leitura do mundo « representa » uma das possibilidades de « expressar » uma época ; um momento histórico marcado por uma enorme capacidade inventiva, produtiva e de comercialização de mercadorias. Época esta que « instituiu » o acesso à essas mercadorias como objeto da satisfação social, da felicidade, do sucesso, do resultado, do esforço, enfim que valorizava as pessoas não pelo que elas eram, mas por aquilo que elas tinham. Estudar os efeitos, as origens e os desdobramentos da espacialização desigual passou a ser tarefa dos pesquisadores comprometidos com a defesa das causas sociais, pois elas apareciam de maneira incontestável na segregação do espaço. Parece-nos que, enquanto interpretação das causas e do devir da sociedade, este discurso pretendeu ser uma ferramenta a mais na luta contra as desigualdades sociais. Sua originalidade e sua força contribuíram e contribuem para derrubar teses « naturalistas » sobre as desigualdades espaciais, ao mesmo tempo em que esclarecem e informam sobre a produção das condições materiais da vida e do mundo do trabalho, sua organização e divisão social.

O que queremos destacar é que não podemos reduzir as representações imaginárias sociais às expressões econômicas, ainda que elas tenham marcado uma época, uma determinada sociedade, nem podemos fazer seu inverso : pensarmos que todas expressões econômicas possuem uma representação social única e determinante.

Como salienta Pinto,

« não se trata (...) de « reduzir » unicamente à lei da economia domínios que se definem pelo repúdio da economia, como os da honra ou da cultura, mas de evidenciar as propriedades de funcionamento desses domínios que condizem com sua reivindicação oficial de desinteresse, obtendo ao mesmo tempo

capitalista. Além disso foi o século marcado pela produção extraordinária de mercadorias e junto com ela a invenção da representação de que felicidade, realização, sucesso, « ser bem sucedido » só é possível com a aquisição dessas mercadorias disponíveis no mercado. Certeza essa que começou a ser colocada em questão, principalmente nos países desenvolvidos – e o movimento de maio de 68 na França pode ser um exemplo - inaugurando os debates sobre a « cultura », sobre os desejos e sobre o devir dos homens.

¹⁸ CASTORIADIS, C. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. p. 30 e 31.

recompensas diferenciais cuja estrutura reproduz globalmente a distribuição social das possibilidades de apropriação dos bens distintivos considerados (no caso, o crédito, o renome, os títulos etc.). A estratégia da prática pressupõe algo como um capital, mas um capital que, em certos gêneros, proíbe as formas explícitas de cálculo. »¹⁹

Mas é justamente com a parte considerada como « *vida social* » (e não somente com o seu *resto* – que nesta reflexão excluiria o econômico), com o tempo gasto, com as ocupações, preocupações e representações da vida – da prática concreta – dos sujeitos históricos que procuraremos nos ocupar neste estudo. Conhecer as significações, atribuir magnitudes, reconhecer importâncias no universo da moradia das pessoas de baixa renda são nossos desafios últimos: aprender sobre a economia destes bens simbólicos na sua condição e enquanto discurso, vale dizer, representação.

Ainda com os sociólogos, aprendemos que para analisar discursos precisamos reconhecer homogeneidades e regularidades no comportamento cotidiano dos moradores e compará-los aos relatos que os mesmos fazem destas práticas. Conhecer o *habitus* estruturante que organiza a sociedade no que diz respeito ao campo onde inserimos nossa problemática neste estudo: a moradia das pessoas de baixa renda. A título de esclarecimento, o conceito construído por Pierre Bourdieu esclarece que *habitus* é:

« um sistema de disposições duráveis (que exprime o resultado de uma ação organizadora, quer dizer, uma maneira de ser, um estado habitual, uma predisposição, uma tendência, uma propensão, uma inclinação), estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer como princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objetivamente « reguladas » e « regulares » sem ser, ao mesmo tempo, produto de obediência a estas regras, objetivamente adaptadas ao seu objetivo, sem supor o alvo consciente dos fins e da matriz expressa das operações necessárias para lhes satisfazer e, sendo tudo isso, coletivamente orquestrado sem ser o produto da ação organizadora do regente da orquestra. »²⁰

Da antropologia os ensinamentos de Lévi-Strauss dão conta de informar sobre a enorme influência que a diversidade cultural pode exercer na sociedade, em especial sobre o que autor pondera a respeito do objeto de estudo da antropologia quando afirma

¹⁹ PINTO, Louis. **Pierre Bourdieu e a Teoria do Mundo Social**. p.40.

²⁰ BOURDIEU, Pierre. **Esquisse d'Une Théorie de la Pratique**. p. 256

que : « enquanto as maneiras de ser ou agir de certos homens forem problemas para outros homens, haverá lugar para uma reflexão sobre essas diferenças que, de forma sempre renovada, continuarão a ser domínio da antropologia »²¹.

Na sequência desta linha, Magnani nos explica que não é só buscar o registro e o reconhecimento das diferenças culturais, mas, sobretudo buscar compreender o significado social de tais comportamentos, construindo uma pesquisa de cunho etnográfico. E o que isso quer dizer ? Uma pesquisa de « cunho etnográfico »²² é aquela que busca conhecer uma determinada organização social a ponto de esclarecer sobre as suas formas de pensar e agir. Segundo Hartung²³, não se trata de uma interpretação sobre a sociedade, que neste caso é o papel da antropologia, mas de conhecer o outro a partir das suas estruturas fundantes, buscando os princípios e valores que estão na base de sua estrutura social. Para esta empreitada os ingredientes básicos são grandes períodos de observação marcados por questões como: Quem ? Quando ? Como ? Onde e Por quê ? Tais perguntas auxiliam a compreensão sobre a lógica que estrutura uma determinada configuração social, de preferência no presente, mas sem perder a dimensão histórica, para poder entender porque aquela configuração é daquele jeito e não de outro. Além disso, uma etnografia também está atenta para as relações intra-grupo e entre grupos. O que interessa, desde o ponto de vista estrutural, são as disputas entre os atores sociais, é daí que vem o sentido daquele social em particular.

É assim que nos trabalhos de antropologia urbana o espaço pode se tornar um « pedaço », demarcando um ponto de referência, de pertencimento²⁴ e de identidade²⁵ de determinado grupo de frequentadores ou *habitués*. Como lugar de representação, ele *é ao mesmo tempo resultado de práticas coletivas (...) e condição para seu exercício e fruição.*²⁶

Ainda no campo da antropologia Marisa Peirano esclarece que não é possível ensinar a fazer pesquisa de campo como em outras ciências pois para a autora, a

²¹ In : MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Na Metrópole : textos de antropologia urbana.** p. 17

²² Utilizamos a expressão « cunho etnográfico » porque não pretendemos fazer na nossa pesquisa uma etnografia - o que demandaria um doutorado específico -, mas experimentarmos um pouco das práticas dos antropólogos como exercício de fruição destes ensinamentos.

²³ HARTUNG, Miriam Furtado **A Comunidade do Sutil: história e etnografia de um grupo negro na área rural do Paraná.** Tese de Doutorado.

²⁴ A idéia de pertencimento que adotamos aqui é aquela dada por Olgária MATTOS sobre a ligação que se estabelece entre as pessoas e os lugares onde possam fazer e adquirir raízes. Ver a este respeito DIAS, V.L.N. **Tantos Campeches Quantas Imaginações : um estudo sobre o espaço do Campeche.** p. 68

²⁵ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e Etnia : construção da pessoa e resistência cultural.** Para o autor as identidades são representações inevitavelmente marcadas pelo confronto com o outro (...) são, mais do que isso, (...) o próprio reconhecimento social da diferença. p.42

²⁶ MAGNANI, J.G.C. e TORRES, L.L. **Na Metrópole : textos de antropologia urbana.** p.32-33

pesquisa depende, entre outras coisas, da biografia do pesquisador, das opções teóricas da disciplina em determinado momento, do contexto histórico mais amplo e, não menos, das imprevisíveis situações que se configuram no dia-a-dia no local da pesquisa entre pesquisador e pesquisado (...) práticas resultantes do que a autora chama de exotismo « canônico » da disciplina »²⁷.

Observação, classificação, registros, construção de categorias, descrição de atores, cenários e comportamentos, parecem ser atividades típicas da pesquisa etnográfica. À elas acrescentaremos o aprendizado obtido junto aos historiadores que valorizam relatos e depoimentos que recuperam a história oral dos grupos e as construções imaginárias das quais revestem suas práticas sociais.

Referimo-nos particularmente aos aprendizados feitos com Thompson, que acredita ser a história oral uma oportunidade de dar voz e vez à comunidade para escrever sua própria história²⁸ e, através dela permitir - mais do que em outras fontes históricas - *que se recrie uma multiplicidade original de pontos de vista.*²⁹ Segundo o autor,

(...) é da natureza da maior parte dos registros existentes refletir o ponto de vista da autoridade, não é de admirar que o julgamento da história tenha, o mais das vezes, defendido a sabedoria dos poderes existentes. A história oral, ao contrário torna possível um julgamento muito mas imparcial: as testemunhas podem, agora ser convocadas também entre as classes subalternas, os desprivilegiados e os derrotados. Isto propicia uma reconstrução mas realista e mas imparcial do passado, uma contestação ao relato tido como verdadeiro. Ao fazê-lo, a história oral tem um compromisso radical em favor da mensagem social da história como um todo.»³⁰

Samuel, outro historiador, nos explica que as *«entrevistas e reminiscências podem também capacitar o historiador e dar identidade e caráter às pessoas que, normalmente, permaneceriam como meros nomes numa lista de rua ou registro paroquial, e restaurar algo da importância original daqueles que não deixaram nenhum relato escrito de suas vidas.»*³¹

²⁷ PEIRANO, Marisa. IN : MAGANANI, J.G.C e TORRES, L.L. **Na Metrópole : textos de antropologia urbana.** p.35

²⁸ THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral.** p. 22

²⁹ Idem. p. 25

³⁰ Idem. p. 26

³¹ SAMUEL, Raphael. **História Local e História Oral.** p. 233

Os relatos orais tem também, na nossa pesquisa, o papel de elucidar os dados quantitativos que serão obtidos através de enquetes semi-diretivas ; estas de cunho mais « quantitativo » e exploratório.

Nesta perspectiva, os adeptos da história oral chamam atenção para o fato de que o uso da memória pelo entrevistado denuncia certos aspectos que devem ser levados em consideração na interpretação dos dados recolhidos :

« o que o informante seleciona para relatar é muito significativo, da mesma forma que a ausência de certos temas e os esquecimentos. Deve-se ter em mente que existe um subtexto nas entrevistas, representado precisamente pelas omissões, esquecimentos e ausências, que deve ser incorporado ao relato como um todo. Segundo Pollack (1986), as entrevistas de história oral fazem aparecer os constrangimentos estruturais que estão na origem de um silêncio, bem como as funções que ele assume. Verena Alberti aponta que não é um fator negativo o fato de o depoente poder « distorcer » a realidade, ter falhas de memória ou cometer erros em seu relato. O que importa é incluir tais ocorrências em uma reflexão mais ampla que busque explicá-las (Alberti, 1990). »³²

Neste momento do texto, pedimos permissão ao leitor para responder uma questão de fundo colocada por um geógrafo³³ que tem nos ajudado na empreitada de « pensarmos juntos ». Indagados sobre o tamanho das representações imaginárias em relação a esfera econômica, ou se « no frigidar dos ovos » as representações seriam maiores, mais importantes que a vida econômica da sociedade (vale dizer que a produção da vida material) ; responderemos amparados em duas reflexões : 1) a de Castoriadis, para quem as representações não denotam nada, mas conotam tudo³⁴, são magma dos magmas e, neste sentido, impossível separar o que é econômico, do cultural, afetivo, status, espiritual, desejo - o real do ilusório; 2) a de Bourdieu amparada na reflexão sobre o campo³⁵ que nos ajuda situar a problemática da seguinte maneira : a realidade social não « opera », não « funciona », em termos de efeitos que nós cientistas somos capazes de recortar para analisá-la (efeitos de idade, classe social, instrução,

³² PEREIRA, Ligia Maria Leite. **Relatos Orais em Ciências Sociais : limites e potencial**. p.114 e 115.

³³ Refiro-me a parceria assumida pelo professor e colega de departamento Maurício Aurélio dos Santos e suas instigantes provocações a quem, juntamente com meu orientador de tese - M. Bertrand - agradeço muito pela escuta sensível e pela troca solidária.

³⁴ CASTORIADIS, C. A Instituição Imaginária da Sociedade. p. 173

³⁵ Segundo Pierre Bourdieu o campo é o lugar das relações de força (e de lutas visando a sua transformação ou conservação) que permanecem e se impõem a todos os agentes dentro do campo – e que pesam com uma brutalidade particular sobre aqueles que estão entrando no campo, - revestem uma forma especial : eles tem por princípio uma espécie muito particular de capital, que é, às vezes, instrumento e entrada nas lutas de concorrência no seio do campo. **Choses Dites**. p. 168

sexo, etc - ainda que possamos associar algumas práticas comuns tidas como « coisas » de velhos ou de jovens, « manias » de ricos ou de pobres, de mulheres »). Da mesma forma, a produção da vida material, não opera em função unicamente das relações de produção³⁶ que marcam uma época, mas também pelos conflitos, concorrências e disputas que configuram aquele campo econômico. A realidade social é sempre mais rica e mais complexa e se relaciona com as práticas e representações que uma determinada sociedade constrói, num determinado momento, num determinado espaço, numa determinada correlação de forças, numa dada conjuntura e, para usar um termo caro a Bourdieu num determinado campo.³⁷ Sejam eles quais forem, são os interesses e as estratégias que animam a vida e que estabelecem as condições de funcionamento de um campo.

Respondendo mais claramente : não é possível medir, numa escala de zero a dez, a importância do econômico em relação ao jogo que envolve (no nosso caso) o morar para o conjunto dos residentes de habitações populares. As pessoas são movidas por valores, representações, por princípios que organizam sua visão e ação no mundo (estamos nos amparando aqui na noção de *habitus*³⁸). Mas tudo isto não determina nada. O fazer humano está o tempo todo questionando, usando e mexendo nesta organização movidos por interesses, circunstâncias e estratégias deste fazer, da prática. Esta ação é determinada por um conjunto de elementos onde o econômico é uma das variáveis, não a determinante ou a mais importante. Assim, variáveis como preço, valor, mercado, investimentos públicos e privados, localização, possibilidades de compra, qualidade dos materiais etc. informam alguns aspectos das lutas no campo econômico, mas não permitem compreender outras disputas envolvidas no jogo. É como se tentássemos atribuir maior importância para um naipe ou para um grupo de cartas num jogo. Alguns podem até ter «valor» maior, num dado momento, numa dada « rodada »

³⁶ Na linguagem marxista, relações de produção são as relações entre proprietários dos meios de produção e os trabalhadores. O tipo de trabalho e o tipo de propriedade que predomina em uma sociedade.

³⁷ Para Bourdieu, existem tantos campos, quantos interesses, como espaços de jogo historicamente constituídos com suas instituições específicas e suas leis de funcionamento próprias. A existência de um campo especializado e relativamente autônomo é correlativa a existência de jogos e de interesses específicos : através dos investimentos inseparavelmente econômicos e psicológicos que eles suscitam nos agentes dotados de um certo *habitus*, o campo e o jogo (eles mesmos produtos como tais pela ligação de força e de luta para transformar a relação de força que são constitutivos do campo) produzem investimentos de tempo, dinheiro, trabalho, etc. (...) O interesse é, às vezes, condição do funcionamento de um campo e, às vezes, aquele que « faz as pessoas correrem », aquele que as faz concorrerem, concorrerem, lutar e produzirem o funcionamento do campo. **Choses Dites**. p. 124-125

³⁸ Para P. Bourdieu *habitus* são os condicionantes associados a uma classe particular de condição de existência, sistemas de disposições duráveis e transponíveis predispostos a funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer, enquanto princípios geradores e organizadores de práticas e de representações.

mas só em algumas circunstâncias do jogo e só em algumas jogadas, nunca determinando a priori uma partida.

Compreender a visão de mundo que ampara o pensar e o agir no que diz respeito ao morar (o jogo que envolve o campo da moradia dos habitantes das camadas populares), classificar, saber como, quando, quem, onde e porque agem conforme os princípios organizativos e quando não ; isso tudo nos permitirá conhecer os elementos do jogo que são mais valorizados e os que são menos na prática cotidiana dos moradores. Reconhecer importâncias será possível, mas não uma forma de calculá-las.

Para concluir, gostaríamos de destacar a importância de iniciativas de comparação como a que estamos propondo. Conforme Fournier e Sabot³⁹, existem três tipos de comparações possíveis : 1) comparar dois elementos de mesma natureza ou próximos (no caso da geografia urbana, cidades com mesmo tamanho, mesma função, mesmas formas, mesma economia) ; 2) comparar tendo o tempo como parâmetro (conhecer as histórias e identificar percursos históricos semelhantes ou diferentes) e ; 3) comparar segundo a construção de um modelo teórico para estudar comportamentos em relação a este modelo. Estes três tipos não são excludentes e é comum que possam se justapor para melhor informar sobre o objeto pesquisado.

Segundo os autores, esforços devem ser realizados para melhor justificar as escolhas dos objetos comparáveis dentro da geografia e destacam a importância das comparações que permitem testar e criar novas categorias de análise, reformular problemáticas, desconstruir análises e reconstruir novas perspectivas, por vezes mais generalisantes. Nesta linha de reflexão, eles nos lembram que em geografia não existem espaços gêmeos que se duplicam, por isso a comparação na nossa área não pode aplicar regras universais estritas nem modelos rígidos como nas ciências naturais. Nos casos de geografia urbana, a adoção de alguns modelos de pesquisas considerados como científicos (por adotarem padrões, grandezas, escalas e funções de cidades bastante ordinários) acabam por não inovar e avançar pouco em relação à velocidade das mudanças da realidade social.

A este respeito, nosso trabalho situa-se dentro dos exemplos raros que ousam comparar cidades e sociedades distintas em alguns aspectos (cidade industrial e turística ; país desenvolvido e país subdesenvolvido) e, semelhantes em outros (urbanização tardia , tamanho comparável). Nosso objetivo maior é elucidar sobre a

³⁹ FOURNIER, Jean-Marc et SABOT, Emmanuèle. **Comparer : une démarche de recherche stimulant et risqué.**

prática de importação de modelos que marca grande parte das sociedades ditas subdesenvolvidas, quando copiam leis, padrões de uso e parcelamento do solo, índices, planos diretores, códigos de conduta e de posturas. Representações que englobam modelos ideais de comportamento, de ações e de vida são facilmente identificados e é frequente o uso político destas representações em campanhas eleitorais onde políticos prometem dignidade, enriquecimento, segurança, tranquilidade, estabilidade : « tudo » como nos países desenvolvidos. Galgar este « podium » passa a ser a meta e a aposta dos países que estão fora do círculo das « grandes potências ». Ideais de felicidade, pujança, organização, tecnologia e fartura, das « ações do primeiro mundo » são também, em grande parte, responsáveis pela negação na busca de estratégias locais criativas e adaptadas às diferentes realidades, bem como o engessamento de políticas públicas ineficazes e impróprias.

Compreender essas representações dentro dos contextos que as produziram é uma forma também de desmistificá-las, de apontar seus limites e, quem sabe, romper as amarras e permitir que uma mentalidade nova, criativa e adaptada possa ser autorizada a produzir soluções mais adaptadas às diferentes realidades. Apostar nesta transformação é tentar construir eticamente um outro lugar para as comunidades excluídas do ranking social. Este é o nosso desafio.

Referências

- BACZKO, Bronislaw. **Imaginação Social**. *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 5 : Anthropos-Homem. Lisboa : Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.
- BERTRAND, Jean René e CHEVALIER, Jacques. **Logement et Habitat Dans Les Villes Européenes**. Collection Géographie Sociale. Paris: Editions L’Harmattan, 1998.
- BLANCHET, Alain e GOTMAN, Anne. **L’Enquête et ses Méthodes : l’entretien**. Ed. Nathan Université (1^oed.1992), 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **Choses Dites**. Paris : Les Editions de Minuit, 1987.
- _____, P. **Raison Pratiques : sur la théorie de l’action**. Paris : Éditions du Seuil, 1994.
- _____, P. **Esquisse d’Une Théorie de la Pratique**. (1^o ed. 1972) Paris : Éditions du Seuil, 2000.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e Etnia** : algumas questões, algumas dúvidas. IN : *Identidade & Etnia : construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo : Brasiliense, 1986.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. 3^o ed. São Paulo: Paz e Terra, 1982.
- CHARTIER, Roger. **O Mundo Como Representação**. Estudos Avançados. V.5. n^o11. São Paulo : IEA-USP, Jan.abril. 1991.
- CHEVALIER, Jacques et HÉRIN, Maurice. **La Ville des Années 80 – Question de Méthode ou Questions et Méthodes**. Géographie Sociale. Dynamiques Urbaines. V.11. Caen : Centre de Publications de l’Univesrdité de Caen, 1991.
- DIAS, V.L.N. **Tantos Campeches Quantas Imaginações** : um estudo sobre o espaço do Campeche. Dissertação de Mestrado. Florianópolis : UFSC, 1995.
- _____, V.L.N. e FARIAS, Joice. **Urbanização do Campeche** : identidade étnica e experiência dos « nativos ». PerCursos : Revista do Núcleo de Estudos em Políticas Públicas da Universidade do Estado de Santa Catarina. NEPP – v.1, n^o 1. Florianópolis : Outubro, 2000.
- DI MEO, Guy. De l’Espace Vécu aus Formations Socio-Spatiales. **Géographie Sociale : Lire l’Espace Comprendre les Sociétés**. V. 10 Caen : Centre de Publications de l’Université de Caen, 1990.
- FANTIN, Marcia. **Cidade Dividida** : dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis. Florianópolis : Cidade Futura, 2000.
- FIXOT, Ane-Marie. La Géographie, un Espoir Déçu. **Géographie Sociale : Lire l’Espace Comprendre les Sociétés**. V. 10 Caen : Centre de Publications de l’Université de Caen, 1990.
- FOURNIER, Jean-Marc et SABOT, Emmanuèle. **Comparer** : une démarche de recherche stimulant et risquée. Revue du ESO – Espaces Géographiques et Sociétés – Travaux et Documents de l’UMR 6590 n^o 16, Nantes : Imprimerie La Contemporaine, 2001.
- FRÉMONT, A. , CHEVALIER, J., HÉRIN, R., RENARD, J. **Géographie Sociale**. Paris : MASSON, 1984.

- GRAWITZ, Madeleine. **Méthodes des Sciences Sociales**. 11° ed. Paris : Dalloz, 2001.
- HARTUNG, Miriam. **A comunidade do Sutil**: história e etnografia de um grupo negro na área rural do Paraná. Tese de Doutorado. PPGAS-Museu Nacional-UFRJ, Out. 2000.
- KANT, E. **Crítica da Razão Pura**. Vol. I e II. São Paulo : Nova Cultural, Coleção os Pensadores, 1987.
- LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. 3° Edição. Campinas, São Paulo : Editora Unicamp, 1984.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor e TORRES, Lilian de Lucca (org.). **Na MetrÓpole**: textos de antropologia urbana. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, Papesp, 2000.
- MATOS, Olgária. A Melancolia de Ulisses : a dialética do iluminismo e o canto das sereias. In : NOVAES, Adauto (coord.) **Os Sentidos da Paixão**. São Paulo Companhia das Letras, 1989.
- NIETZSCHE, F. **Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral (1873)**. Coleção os Pensadores. 1° ed. São Paulo : Victor Civita / Abril Cultural, 1974.
- PEREIRA, Ligia Maria Leite. « Algumas reflexões sobre a história da vida, biografias e autobiografias » in História Oral : Revista da Associação Brasileira de História, São Paulo n° 3, p.117-128. Junho 2000.
- PEREIRA, Ligia Maria Leite. **Relatos Orais em Ciências Sociais** : limites e potencial. Revista Análise e Conjuntura. V.6 n°3 Belo Horizonte, set./dez.1991.
- PINTO, Louis. **Pierre Bourdieu e a Teoria do Mundo Social**. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2000.
- PLOUCHART, Louisa. **Comprendre Les Grands Ensembles**: une exploration des représentations et des perceptions. Paris : l'Harmattan, 1999.
- SAMUEL, Raphael. **História Local e História Oral**. Revista Brasileira de História. Vol.9 n°19. São Paulo, set.89/fev.90
- THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992.

Artigo recebido em: 03/2002

Data de Aprovação: 09/2003